

## A EXPERIÊNCIA DE FÉ COMUM NA *NOSTRA AETATE*: CONVERGÊNCIAS ENTRE A TRADIÇÃO JUDAICA E CRISTÃ

## THE COMMON FAITH EXPERIENCE IN *NOSTRA AETATE*: CONVERGENCES BETWEEN JEWISH AND CHRISTIAN TRADITIONS

Sílvio Costa OLIVEIRA, formado em filosofia, teologia, comunicação social. Mestre em teologia pela PUC-SP, e doutorando em teologia pela PUC-SP, é professor no Centro Cristão de Estudos Judaicos-SP.\*

Danilo da Costa ALVES, bacharel em Filosofia, pós-graduando em Cultura Judaico-cristã, história e teologia, pelo Centro Cristão de Estudos Judaicos-SP e Engenharia de Produção.\*\*

### Resumo

O artigo “A Experiência de Fé Comum na *Nostra Aetate*: Convergências entre a Tradição Judaica e Cristã” propõe uma reflexão sobre o legado do Concílio Vaticano II e sua contribuição decisiva para o diálogo entre cristãos e judeus. Partindo da Declaração *Nostra Aetate* (1965), que neste ano completa sessenta anos de promulgação, o estudo investiga como o documento conciliar promove o reconhecimento e a assunção das raízes judaicas do cristianismo, e propõe uma nova forma de compreender a fé, marcada pelo respeito, pela escuta e pela comunhão. A pesquisa, de natureza bibliográfica e documental, analisa o contexto histórico e teológico do Concílio e a influência de suas orientações na superação de preconceitos e no reconhecimento de um patrimônio espiritual comum. Com base em autores contemporâneos e documentos da Igreja, o trabalho demonstra que a *Nostra Aetate* permanece atual ao reafirmar a fé no Deus único — o mesmo Deus de Abraão — como fundamento que une ambas as tradições. Mais do que um estudo sobre o passado, o artigo convida a uma assunção renovada da fé, que se expressa em ações pastorais e litúrgicas enraizadas na tradição, promovendo um diálogo interior da Igreja com sua própria identidade. Ao mesmo tempo, destaca que o caminho inaugurado pela *Nostra Aetate* permanece em aberto, desafiando a comunidade cristã a continuar aprofundando essa herança de fé e comunhão.

**Palavras-chave:** *Nostra Aetate*. Judaísmo. Cristianismo. Aliança. Fé.

### Abstract

The article “The Experience of Shared Faith in *Nostra Aetate*: Convergences between the Jewish and Christian Traditions” offers a reflection on the legacy of the Second Vatican Council and its decisive contribution to the dialogue between Christians and Jews. Starting from the Declaration *Nostra Aetate* (1965), which celebrates sixty years since its promulgation this year, the study examines how the conciliar document fosters the acknowledgment and assumption of Christianity’s Jewish roots and proposes a renewed way of understanding faith—one marked by respect, attentive listening, and communion. Through a bibliographical and documentary methodology, the research analyzes the historical and theological context of the Council and the impact of its guidelines on overcoming prejudice and recognizing a shared spiritual heritage. Drawing on contemporary authors and official Church documents, the article demonstrates that *Nostra Aetate* remains relevant today by reaffirming faith in the one God—the same God of Abraham—as the foundation that unites both traditions. More than a study of the past, the article invites a renewed embrace of faith, expressed in pastoral and liturgical

\* E-mail: [jornalistaoliver@gmail.com](mailto:jornalistaoliver@gmail.com)

\*\* E-mail: [dcostaalves@yahoo.com.br](mailto:dcostaalves@yahoo.com.br)

actions deeply rooted in tradition and promoting an inner dialogue within the Church about its own identity. At the same time, it highlights that the path opened by *Nostra Aetate* remains unfinished, challenging the Christian community to continue deepening this heritage of faith and communion.

**Keywords:** *Nostra Aetate*. Judaism. Christianity. Covenant. Faith.

## Introdução

Sancionado pelo Papa João XXIII em 1962, o Concílio Vaticano II marcou o século XX por sua abordagem inovadora, convidando a Igreja a refletir sobre o próprio caminho histórico e sobre sua missão diante do mundo contemporâneo. Realizado em quatro sessões e resultando em dezesseis documentos — entre constituições, decretos e declarações —, o Concílio “representou, de fato, um acontecimento fundamental, um divisor de águas”, no qual se afirmava que a “Igreja percebe, cada vez mais, ... que de fato o Concílio foi um acontecimento fundamental” (SCHMIDT, 2016, p. 03).

Entre esses documentos, destaca-se a declaração *Nostra Aetate* (Nosso Tempo), que propõe uma nova visão do relacionamento da Igreja com as religiões não cristãs, com especial atenção ao judaísmo, foco central deste estudo. Conforme o próprio texto conciliar apresenta que a Igreja “considera mais atentamente qual deve ser a sua atitude para com as religiões não-cristãs” (NA, 1965, n. 1). Essa reflexão nasce do desejo de compreender o lugar da fé cristã em diálogo com outras tradições religiosas e, sobretudo, de reencontrar nas raízes judaicas o fundamento espiritual comum que sustenta a experiência de fé cristã.

O Concílio promoveu um movimento de autocrítica e abertura com um novo olhar, convidando a Igreja a redescobrir suas origens e a repensar sua relação com o mundo moderno. Concluído em 1965 pelo Papa Paulo VI, despertou uma nova consciência de diálogo, proximidade com o povo e valorização das tradições históricas da fé. Esse impulso de *aggiornamento*, a necessária atualização, buscava aproximar a Igreja da realidade do século XX sem perder sua essência teológica e espiritual.

A declaração *Nostra Aetate*, promulgada em 28 de outubro de 1965, surgiu em um momento decisivo da história. O pós-guerra e o trauma da *Shoah* — termo utilizado por historiadores e teólogos, como Jules Issac e adotado pelo Papa João Paulo II para designar com apurada precisão a maior tragédia do povo judeu — exigiam da Igreja uma resposta de fé diante da dor humana e do antisemitismo ainda persistente. Nesse sentido, como expressa o Cardeal Koch, “a Igreja cristã precisa fazer a pergunta referente à sua corresponsabilidade pelos acontecimentos horríveis” (KOCH, 2019, p. 24).

É nesse contexto que a *Nostra Aetate* se insere, como expressão do esforço da Igreja em reafirmar, à luz da fé, a dignidade de todo ser humano e o vínculo permanente que une cristãos

e judeus na história da salvação. Mais do que uma reação ao passado recente, ela inaugura uma nova compreensão teológica da relação entre ambas as tradições.

Embora inicialmente concebida para tratar especificamente das convergências entre cristianismo e judaísmo, a *Nostra Aetate* ampliou seu horizonte ao longo das discussões conciliares, incluindo também o diálogo com o islamismo, o hinduísmo e o budismo. Ainda assim, sua essência permanece enraizada no reconhecimento das origens bíblicas da fé cristã e na valorização do que há de “verdadeiro e santo” nas outras religiões (NA, 1965, n. 2).

Ao propor um caminho de respeito, escuta e cooperação, o documento rompe com séculos de distanciamento e incompreensão, inaugurando uma nova etapa de encontro. Por sua contribuição teológica e pastoral, a *Nostra Aetate* tornou-se um documento de importância decisiva do Concílio Vaticano II, ainda que, continue pouco difundida e pouco conhecida pelo grande público da Igreja. Seu alcance silencioso, porém profundo, inaugurou novas possibilidades no diálogo inter-religioso contemporâneo — um diálogo fundado, antes de tudo, na experiência de fé comum que une judeus e cristãos diante do mesmo Deus da Aliança. Temáticas como única Aliança, Povo de Israel e terra são doravante, graças à *Nostra Aetate* nº 4, objetos de reflexão fecunda e interdisciplinar para os biblistas e exegetas que se alimentam desse novo olhar (LUCIANI, 2025, p. 50-52).

## Caminho Percorrido

A caminhada desta pesquisa segue o mesmo espírito de diálogo proposto pela *Nostra Aetate*, isto é, o desejo de compreender, à luz da fé, o que une cristãos e judeus na busca pelo mesmo Deus da Aliança. Trata-se de um estudo de natureza bibliográfica e documental, desenvolvido sob uma abordagem qualitativa, voltado a reconhecer como a experiência de fé comum se manifesta nas duas tradições e como o documento conciliar continua inspirando essa vivência até hoje.

Para orientar esta reflexão, o estudo segue uma abordagem qualitativa baseada em fontes bibliográficas e documentais, especialmente a declaração *Nostra Aetate*, a Bíblia e o Catecismo da Igreja Católica. Somam-se a essas referências as contribuições de teólogos contemporâneos, pesquisas acadêmicas e as aulas e exposições oferecidas pelo Centro Cristão de Estudos Judaicos (CCDEJ), que enriquecem a compreensão do diálogo judaico-cristão. Essa metodologia permite integrar fé e história, iluminando como a experiência de fé comum pode ser reconhecida e aprofundada nas duas tradições. Por meio delas, é possível compreender a fé

não apenas como doutrina, mas como caminho de encontro, de reconhecimento e de partilha entre povos que professam o mesmo Deus.

Entre as fontes secundárias, foram consultados livros, artigos acadêmicos e documentos papais que aprofundam o diálogo inter-religioso, com destaque para as reflexões de João Paulo II, Bento XVI e Papa Francisco, cujas palavras atualizam e prolongam o espírito conciliar. Também contribuíram os estudos do Centro Cristão de Estudos Judaicos (CCDEJ) e as obras da Coleção Judaísmo e Cristianismo dos Religiosos de Sion, que enriquecem a compreensão das convergências espirituais entre ambas as tradições.

O método adotado combinou a análise de conteúdo com a interpretação teológica e a observação histórica, buscando ler o texto conciliar à luz de seu contexto e de seus frutos pastorais ao longo das seis décadas seguintes. Essa abordagem favorece uma compreensão dinâmica da *Nostra Aetate*, não como um documento encerrado no passado, mas como uma voz viva que continua a dialogar com a fé e os desafios do presente.

Assim, mais do que uma pesquisa teórica, este trabalho se apresenta como um exercício de memória e comunhão, fiel ao propósito do Concílio Vaticano II: redescobrir as raízes judaicas da fé cristã e reafirmar que o diálogo entre judeus e cristãos é, antes de tudo, um testemunho vivo da experiência de Deus que nos une.

## Da Teologia da Substituição ao Diálogo

A relação entre a Igreja e o povo judeu foi, por muitos séculos, marcada por interpretações teológicas que favoreceram tensões e distanciamentos. Entre elas, destacou-se a chamada teologia da substituição, segundo a qual a Igreja teria ocupado definitivamente o lugar de Israel no plano salvífico de Deus — concepção que, difundida ao longo da tradição cristã, contribuiu para o surgimento de atitudes antijudaicas e para o enfraquecimento da consciência acerca da fidelidade permanente de Deus ao povo da Aliança. Como observa o Cardeal Koch, “esta teoria chamada de substitutiva [...] revela-se, dentro da tradição das Igrejas cristãs, a verdadeira raiz do antisemitismo” (KOCH, 2019, p. 24–25), evidenciando a profundidade dos prejuízos teológicos e históricos gerados por essa leitura.

Essas distorções teológicas e culturais atingiram seu ponto mais dramático no século XX, com o horror da *Shoah*<sup>1</sup>, termo hebraico que designa o Holocausto. O extermínio

<sup>1</sup> Shoah do hebraico bíblico שׁוֹאָה, significa “desolação, ruína, calamidade, desastre”. Termo hebraico oficial para o genocídio dos judeus na Segunda Guerra Mundial. No hebraico bíblico, Shoah aparece nos textos de Ezequiel 38,9, Isaías 10,3 e 47,11, trazendo a ideia de ruína avassaladora e destruição absoluta.

sistemático de aproximadamente seis milhões de judeus pelo regime nazista revelou à humanidade a urgência de rever seus fundamentos éticos, religiosos e espirituais. Diante desse sofrimento, a Igreja foi interpelada a refletir sobre sua responsabilidade histórica e a necessidade de um reposicionamento teológico em relação ao povo judeu.

Nesse contexto, a *Nostra Aetate* representou um marco de conversão e reconciliação, convidando a Igreja a redescobrir suas raízes e a reconhecer no povo judeu não um rival, mas um parceiro de fé. Sessenta anos após sua promulgação, o documento permanece atual ao propor uma postura de escuta, respeito e cooperação, baseada na memória histórica e na superação de toda forma de antisemitismo. Conforme recorda o magistério conciliar, a Igreja “examina atentamente qual deve ser sua atitude para com as religiões não cristãs” (*NA*, 1965, n. 1), e, ao fazê-lo, reafirma a fé comum no mesmo Deus da Aliança.

Assim, o estudo da *Nostra Aetate* evidencia que o diálogo entre judeus e cristãos não é apenas uma exigência histórica, mas uma expressão viva de fé. Diante disso, a presente pesquisa busca responder à seguinte questão: de que forma a *Nostra Aetate* revela e valoriza uma experiência de fé comum entre judeus e cristãos?

### **Sessenta anos de um propósito que permanece como bússola**

Ao recordar os sessenta anos da promulgação da *Nostra Aetate*, este artigo tem como objetivo geral compreender de que forma o documento revela e valoriza uma experiência de fé comum entre judeus e cristãos, situando essa reflexão no contexto histórico e teológico do Concílio Vaticano II. Mais do que uma análise documental, trata-se de um olhar sobre a redescoberta de uma herança espiritual compartilhada, que convida à comunhão, à escuta e ao reencontro com as próprias raízes da fé.

De modo mais específico, busca-se identificar as raízes judaicas presentes na tradição cristã e a forma como o documento reconhece essa herança; compreender como a Igreja, por meio da *Nostra Aetate*, promove uma nova postura de diálogo e respeito mútuo entre as duas tradições; e refletir sobre a fé no Deus de Abraão como fundamento compartilhado, que serve de ponte para a construção de um diálogo inter-religioso autêntico e permanente.

A *Nostra Aetate* não apenas propôs um novo modo de pensar a relação entre religiões, mas também provocou a Igreja e o mundo a repensarem o sentido do diálogo como expressão concreta da fé. Em meio às feridas do passado, o documento recorda que o verdadeiro encontro nasce do reconhecimento do outro como portador da mesma presença divina, e que a fé, quando partilhada, se torna caminho de reconciliação e de paz.

## Atualidade da *Nostra Aetate* no desafio do Diálogo Religioso

Estudar a *Nostra Aetate* é especialmente relevante no contexto atual, em que o diálogo entre as religiões se mostra indispensável para a promoção da paz, do respeito e da superação de preconceitos históricos. O documento recorda que “a Igreja, em sua própria história, se vê aqui confrontada com uma grande dívida ou hipoteca” (KOCH, 2019, p. 41), reconhecendo a necessidade de revisitar o passado e renovar o compromisso com a verdade e a fraternidade.

A reflexão proposta por este estudo busca compreender como a fé pode se tornar um ponto de encontro entre povos e tradições distintas. Em um tempo marcado por intolerância e pelo ressurgimento do ódio religioso, revisitar a *Nostra Aetate* significa redescobrir o valor da escuta, da empatia e da convivência respeitosa entre credos. Como afirma o Cardeal Koch, “o Concílio visa superar as culpas num horizonte teológico” (2019, p. 42), convidando à reconciliação e à construção de uma espiritualidade aberta ao diálogo.

Sob a perspectiva acadêmica, o tema é significativo para os estudos bíblicos, teológicos e históricos, pois evidencia as raízes judaicas do cristianismo e oferece um novo olhar sobre a revelação cristã, iluminada pela fé no Deus de Abraão, fundamento comum entre judeus e cristãos. Como contido na obra Jubileu de Ouro sob o olhar de Koch, “apenas quando há consciência da herança em comum, é possível enxergar a razão mais profunda para a nova compreensão das relações católico-judaicas” (2019, p. 44).

Assim, compreender a *Nostra Aetate* é compreender também um capítulo essencial da história da fé e da humanidade. Mais do que um documento, ela representa um chamado à reconciliação, um convite para transformar antigas divisões em pontes de comunhão e esperança, onde a fé compartilhada se torna caminho de paz. Pois, a Declaração conciliar, especialmente em seu número 4, reflete sobre a relação entre a Igreja e o povo judeu, reconhecendo as raízes judaicas do cristianismo e propondo a superação dos preconceitos históricos que marcaram essa trajetória. Alguns desses preconceitos ainda sobrevivem nas nossas sociedades hodiernas e como defende Gustavo Binenbojm eles sustentam o “Antissemitismo Estrutural” que precisa ser sempre desconstruído e desestruturado. (BINENBOJM, 2025, p. 171-200).

Trata-se de um convite ao diálogo sincero e ao reconhecimento mútuo, evitando qualquer forma de perseguição ou contribuição para a destruição de um povo. A memória dos danos já ocorridos torna-se, assim, parte essencial da conversão histórica e espiritual que o documento propõe. No aniversário de 60 anos da Declaração, essa memória ainda se faz

necessária, lembrando que o documento foi apenas o início de uma construção contínua de diálogo e reconciliação entre tradições de fé.

Para aprofundar essa compreensão teológica, histórica e espiritual da *Nostra Aetate*, no que concerne a relação entre cristianismo e judaísmo, podemos organizar a reflexão, do parágrafo 4, em eixos fundamentais que permitem visualizar, de maneira estruturada, os elementos centrais do diálogo judaico-cristão. Esses eixos ajudam a esclarecer como o documento reconhece a herança comum entre as duas tradições, propõe uma conversão de mentalidade frente às culpas históricas, incorpora contribuições teológicas contemporâneas e relembra o percurso histórico das relações entre judeus e cristãos. A seguir, cada um desses aspectos é apresentado de forma articulada, evidenciando como juntos iluminam a permanência e a atualidade da Declaração conciliar.

#### **a. Fé em um Deus Único**

A fé, e sua manifestação, em um Deus único, conhecido nas Escrituras hebraicas como o Deus de Abraão, Isaac e Jacó, constitui o ponto de convergência entre judaísmo e cristianismo. Essa herança espiritual comum é reconhecida pela tradição cristã como parte inseparável de sua própria identidade religiosa, “apenas quando há consciência da herança em comum, é possível enxergar a razão mais profunda para a nova compreensão das relações católico-judaicas” (KOCH, 2019, p. 44).

#### **b. Aliança e Promessa**

A temática da aliança e da promessa expressa a continuidade entre o Antigo e o Novo Testamento. O apóstolo Paulo recorda essa relação em sua metáfora da oliveira: “não és tu que sustentas a raiz, mas a raiz que te sustenta” (Rm 11,17-18). A compreensão dessa dinâmica ilumina o reconhecimento de que o cristianismo não substitui o judaísmo, mas dele recebe sua seiva vital. Como observa Koch (2019, p. 45), “a relação de Israel com o Povo da Aliança faz parte da identidade e autocompreensão da Igreja”. Tal afirmação reforça que a fé cristã se enraíza na história de Israel e encontra nela a base de sua própria vocação salvífica. Assim, compreender a aliança é reconhecer a fidelidade de Deus ao seu povo e o vínculo permanente que une ambas as tradições de fé.

#### **c. Superação das Culpas e Horizonte Teológico**

A *Nostra Aetate* propõe uma releitura das relações entre as religiões à luz da fé e da razão teológica. Em consonância com essa perspectiva, o Concílio Vaticano II busca

reconciliar-se com o passado e abrir novos caminhos de entendimento. Como afirma Koch (2019, p. 42), “o concílio visa superar as culpas num horizonte teológico”, destacando a dimensão espiritual e histórica desse processo. Além disso, o texto conciliar convida à construção de uma convivência baseada no reconhecimento das diferenças e na fidelidade às próprias tradições. Como observa Koch (2019, p. 47), “se judaísmo e cristianismo ficarem fiéis às suas respectivas convicções de fé e se respeitarem mutuamente nisso, sendo que assim se desafiam, eles podem prestar este serviço à fé do outro.” Essa afirmação reforça a ideia de que o diálogo autêntico não dilui identidades, mas as fortalece, permitindo que cada tradição contribua, a partir de sua própria fé, para o crescimento espiritual comum.

#### **d. Contribuições Teológicas Contemporâneas**

Teólogos contemporâneos ajudam a aprofundar essas ideias. João Paulo II, no histórico discurso na Sinagoga de Roma, afirma que “o povo da Antiga Aliança nunca foi repudiado por Deus, porque os dons e o chamado de Deus são irrevogáveis” (1999, p. 58), destacando a importância do respeito e da continuidade da aliança. Koch salienta que “Com a palavra-chave ‘aggiornamento’ foi expressa a tarefa crucial de perceber, de forma sensível, os sinais dos tempos e interpretá-los à luz da fé” (2019, p. 19). Abraham Joshua Heschel enfatiza que “nenhuma religião é uma ilha” e “o isolacionismo religioso é um mito” (HESCHEL, 1966, p. 7), pois judeus e cristãos partilham riscos, responsabilidades e desafios espirituais em um mundo profundamente interdependente.

Nessa mesma direção, o cardeal Kurt Koch aprofunda a reflexão ao afirmar que a unidade dos cristãos e o diálogo com o povo judeu são expressões de uma mesma fidelidade divina. A Igreja e Israel caminham sob a mesma promessa, e é o Espírito Santo — verdadeiro ministro da unidade — quem conduz ambos na história da salvação. O ecumenismo, assim como o diálogo judaico-cristão, não é fruto de estratégia ou diplomacia, mas resposta à oração de Cristo citada em João 17,21 “para que todos sejam um”, mensagem estendida por Paulo na carta aos Efésios 2, 14 “de ambos os povos fez um só, tendo derrubado o muro da separação”. Como recorda o próprio cardeal, “tem ficado cada vez mais claro que o que nos une é maior do que o que nos separa” (KOCH, 2020). Dessa forma, reafirma que a unidade da única Aliança é o horizonte teológico que sustenta toda busca de comunhão.

#### **e. Histórico das Relações Judaico-Cristãs**

A história entre judeus e cristãos é marcada por muitos desencontros, momentos de desconfiança e até de dor. Durante séculos, faltou espaço para o reconhecimento daquilo que

une as duas tradições: a fé no mesmo Deus e a herança espiritual de Abraão. O Concílio Vaticano II representou um ponto de virada ao reconhecer essa ligação e propor uma nova atitude de respeito e amizade.

Desde então, o diálogo se tornou caminho de aproximação e aprendizado mútuo. Recordar o passado não é abrir antigas feridas, mas aprender com ele para que a fé seja vivida de modo mais autêntico e fraternal. A *Nostra Aetate* convida justamente a isso: olhar o outro como parceiro de fé, herdeiro da mesma promessa e testemunha do mesmo Deus que chama à unidade.

Esse espírito de reconciliação continua vivo hoje. Um exemplo é o gesto do papa Francisco, que logo no início de seu pontificado enviou uma mensagem à comunidade judaica de Roma, expressando o desejo de fortalecer as boas relações entre católicos e judeus (GROSS, 2019, p. 56-57). A atitude do Papa mostra que o diálogo não é apenas uma lembrança do passado, mas uma missão que continua no presente — construída na amizade, na confiança e na fé que ambos os povos compartilham. Tudo isto servirá como base e ponte para que judeus e cristãos, buscando viver e testemunhar sua fé, possam ao longo do próximo jubileu enfrentar juntos as novas questões teológicas atinentes e resultantes do novo olhar de *Nostra Aetate* nº 4.<sup>2</sup>

## Considerações Finais

Os resultados desta pesquisa evidenciam que a *Nostra Aetate* revela como a experiência de fé vivida por judeus e cristãos converge em um mesmo princípio: o reconhecimento do Deus único, misericordioso e fiel à sua única Aliança. Apesar das diferenças históricas e teológicas, ambos os povos compartilham uma herança espiritual comum e são chamados a caminhar juntos na busca pela verdade e pela paz.

Mais do que um marco histórico, a *Nostra Aetate* inaugura um novo modo de se relacionar com o outro — um convite à comunhão, à escuta e ao reconhecimento das raízes partilhadas. Revisitar o documento, especialmente neste ano em que completa sessenta anos, é redescobrir a fé como espaço de encontro e reconciliação, sustentada pelo amor de Deus que age na história humana.

<sup>2</sup> Para o jubileu de ouro de *Nostra Aetate*, a Comissão para as relações religiosas com o Judaísmo elencou e desenvolveu algumas dessas questões teológicas tais como: a universalidade da salvação em Jesus Cristo e a Aliança jamais revogada; o mandato de evangelizar da Igreja em relação ao judaísmo. (Cf. Comissão da Santa Sé para as relações religiosas com o judaísmo. **Porque os dons e o chamado de Deus são irrevogáveis**, 2016).

A *Nostra Aetate* recorda que o cristianismo nasce do seio do povo judeu e que Jesus, Maria, os apóstolos e os primeiros discípulos eram filhos de Israel. Esse reconhecimento devolve ao cristianismo a consciência de sua origem e restaura um elo muitas vezes esquecido pela história. A Bíblia reforça essa verdade: “Se a raiz é santa, também os ramos o são (...). Não te glories contra os ramos! Se te vanglorias, lembra-te de que não és tu que sustentas a raiz, mas é a raiz que te sustenta” (Rm 11,16). Reconhecer essa dependência é também um gesto de humildade diante das feridas causadas por séculos de distanciamento e incompREENsão.

O documento evidencia a fé compartilhada no Deus de Abraão, Isaac e Jacó, o mesmo Deus que se revela nas duas tradições. Essa consciência convida judeus e cristãos a viverem uma fidelidade comum, manifestada na busca conjunta pela justiça, pela paz e pela santidade.

Como lembra Gross “o Novo Testamento está profundamente marcado por suas relações com o Antigo Testamento” (2019, p. 60). A revelação cristã, portanto, enraíza-se na fé de Israel e reconhece o mesmo Deus como origem e fim da história da salvação.

Assim, a *Nostra Aetate* recorda que a experiência de fé que une judeus e cristãos ultrapassa fronteiras religiosas e se traduz em um testemunho comum de esperança, de reconciliação e de construção do *Shalom*.

Um dos frutos mais significativos da *Nostra Aetate* é a rejeição clara e definitiva de toda forma de antisemitismo. O texto declara que “não se pode imputar aos judeus de hoje o que foi cometido na Paixão de Cristo” (NA, n. 4), condenando qualquer perseguição religiosa.

Esse reconhecimento corrige injustiças históricas e reafirma o compromisso da Igreja com a dignidade humana. A memória do sofrimento do povo judeu torna-se, assim, um chamado permanente à vigilância ética e à superação da intolerância.

Inspirada nas cartas de São Paulo, especialmente em Romanos 9–11, a *Nostra Aetate* apresenta o “mistério de Israel” como parte do próprio mistério da salvação. O apóstolo recorda que os dons e o chamado de Deus são irrevogáveis, e que o povo da Aliança permanece amado por Deus.

Essa visão teológica renova a esperança de que, no desígnio divino, judeus e cristãos caminham juntos na fidelidade à promessa, aguardando o cumprimento pleno do Reino de Deus.

O diálogo entre judeus e cristãos, iniciado pelo Concílio, continua sendo uma missão essencial. Mais do que tolerância, ele exige escuta, reconhecimento e disposição para aprender com a fé do outro.

A *Nostra Aetate* permanece atual ao lembrar que o diálogo não é ponto de chegada, mas caminho contínuo. É nessa experiência partilhada de fé no Deus único e misericordioso que

ambos os povos se reencontram — não como tradições opostas, mas como filhos do mesmo Deus que chama todos à comunhão.

Como recorda Miranda, “há sempre uma dependência do Novo em relação ao Antigo” (MIRANDA, 2015, p. 236). Assim, a Igreja reconhece que o Novo Testamento nasce da vivência de fé do Antigo, e que sua própria identidade se renova quando permanece fiel às suas raízes judaicas.

Esta pesquisa teve como objetivo compreender de que forma a *Nostra Aetate* revela e valoriza uma experiência de fé comum entre judeus e cristãos, à luz do Concílio Vaticano II e de seu legado teológico. A análise bibliográfica e documental permitiu perceber que o documento não apenas reformula uma relação histórica, antes marcada por tensões e distanciamentos, mas a ressignifica como um encontro de fé e esperança, fundado na promessa de um mesmo Deus — o Deus de Abraão, Isaac e Jacó.

O estudo demonstrou que a *Nostra Aetate* representa um verdadeiro marco de reconciliação. Ela convida cristãos e judeus a se reconhecerem não como rivais, mas como filhos da mesma promessa e herdeiros de um patrimônio espiritual comum, que atravessa séculos de história e permanece vivo na fé compartilhada. Ao recuperar a consciência das raízes judaicas do cristianismo, o documento devolve à Igreja sua própria memória espiritual, reafirmando que não há futuro autêntico de fé sem o respeito às origens que a sustentam.

Sessenta anos após sua promulgação, a mensagem da *Nostra Aetate* conserva atualidade e força profética. Em um mundo ainda ferido por intolerâncias e divisões religiosas, ela recorda que o diálogo e a escuta são expressões concretas da fé — sinais da presença de Deus que une o que a história separou. A superação das culpas e o compromisso com a fraternidade não são apenas exigências morais, mas frutos da própria experiência de Deus que ambos os povos testemunham.

Por fim, a pesquisa aponta para a necessidade de um aprofundamento contínuo do diálogo, sustentado pela memória viva da caminhada comum entre judeus e cristãos e pela fidelidade aos documentos e orientações da Igreja. Manter essa ligação é essencial para que a proposta original da *Nostra Aetate* — de reconciliação, reconhecimento mútuo e comunhão nas raízes da fé — se realize plenamente no presente. O caminho iniciado pelo Concílio ainda não se encerrou, permanecendo como um convite constante à conversão, à escuta e à redescoberta das fontes que alimentam a fé da Igreja.

Assim, a *Nostra Aetate* continua sendo um convite perene à comunhão e à unidade espiritual, uma lembrança de que a verdadeira fé floresce quando se torna ponte de encontro, memória viva e testemunho de um mesmo Deus que chama todos à paz.

## Referências Bibliográficas

- BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.
- BINENBOJM, Gustavo. **Antissemitismo Estrutural**. Rio de Janeiro: História real-Intrínseca, 2025.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Nostra Aetate*: declaração sobre a relação da Igreja com as religiões não cristãs. Cidade do Vaticano, 28 out. 1965. Disponível em: [https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decl\\_19651028\\_nostra-aetate\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_nostra-aetate_po.html). Acesso em: 22 outubro de 25.
- COMISSÃO PARA AS RELAÇÕES RELIGIOSAS COM O JUDAÍSMO. **Porque os dons e o chamado de Deus são irrevogáveis (Rm 11,29)**. Reflexões sobre as questões teológicas atinentes às relações Católico-Judaicas por ocasião dos 50º Aniversário de *Nostra Aetate* 4. Brasília: CNBB, 2016.
- GROSS, Fernando. **50 anos de Nostra Aetate (1965 – 2015)**: estreitando laços de estima e amizade. Judaísmo e Cristianismo. In: RIBEIRO, D. L.; RAMOS, M. S. (org.) **Jubileu de Ouro do diálogo Católico-Judaico**. Primeiros frutos e novos desafios. 2ª edição. São Paulo: CCDEJ; Fons Sapientiae, 2019.
- HESCHEL, Abraham Joshua. **No Religion Is an Island**. [S.l.: s.n.], 1966. Disponível em: <https://ravblog.ccar.net/wp-content/uploads/2017/04/No-Religion-is-an-Island.pdf>. Acesso em: 16 novembro de 25.
- JOÃO PAULO II. **Discurso na Sinagoga de Roma**, 13 abr. 1986. In: Documentos Pontifícios sobre o diálogo inter-religioso. São Paulo: Paulus, 1999.
- LUCIANI, Didier. **L'exégèse vétéro-testamentaire. Principes et réalités**. *Revue Théologique de Louvain*, 56, 2025, p. 33-57.
- KOCH, Kurt. **O ecumenismo vive do diálogo e do encontro**. Entrevista concedida a Vatican News. Cidade do Vaticano, 3 jun. 2020. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2020-06/cardeal-koch-ecumenismo-unidade-cristaos.html>. Acesso em: 6 novembro de 2025.
- KOCH, Kurt. **Nostra Aetate** - Bússola permanente do diálogo Católico-Judaico. In: RIBEIRO; RAMOS (org.) **Jubileu de Ouro do diálogo Católico-Judaico**. Primeiros frutos e novos desafios. 2ª edição. São Paulo: CCDEJ; Fons Sapientiae, 2019.
- MIRANDA, Manoel. **As relações judeus-cristãos do primeiro século**. 1. ed. Curitiba: Editora Prísmas, 2015.
- SOBEL, Henry. **Da resistência à reconciliação**: o diálogo judaico-cristão no Brasil. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013.
- SCHMIDT, Gerson. **Concílio Vaticano II**: Os quatro documentos pilares de um edifício. *Rádio Vaticana*, 23 mar. 2016. Disponível em: [https://www.archivioradiovaticana.va/storico/2016/03/23/conc%C3%ADlio\\_vaticano\\_ii\\_os\\_quatro\\_documentos\\_pilares\\_de\\_um\\_edif%C3%ADcio/br-1211888](https://www.archivioradiovaticana.va/storico/2016/03/23/conc%C3%ADlio_vaticano_ii_os_quatro_documentos_pilares_de_um_edif%C3%ADcio/br-1211888). Acesso em: 22 outubro de 2025.